

Sarney faz um apelo contra o 'catastrofismo'

CLÓVIS ROSSI

Da Reportagem Local

O presidente José Sarney fez ontem, perante um grupo de empresários mais representativos do país, uma enfática denúncia do que chamou de "clima de catastrofismo" criado no Brasil e pediu ajuda para combatê-lo não apenas pela retórica, mas por meio de atitudes objetivas.

O apelo foi feito logo após a posse do deputado federal Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) como ministro da Indústria e do Comércio. Os principais empresários presentes foram conduzidos, pelo novo ministro, ao gabinete presidencial e, evidenciando muita tensão, o presidente desabafou.

"Não se pode trabalhar com esse clima", queixou-se Sarney. O presidente disse, também, que o moral da população e, em especial, dos trabalhadores está sendo minado pelo "catastrofismo", o que impede que se chegue de fato a soluções para os problemas do país.

Sarney vinculou o clima de pessimismo aos esforços do governo para controlar o déficit público. Segundo o presidente, o "governo está cortando na própria carne", mas não há reconhecimento a esse esforço justamente em função do "catastrofismo". O presidente reconheceu que em um ano eleitoral, como o é 1988, o esforço para conter o déficit é ainda mais acentuado. Sarney queixou-se também dos meios de comunicação, que irradiam, em sua opinião, o clima de catastrofismo.

Ouviram o desabafo-cobrança empresários do calibre de Mario Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Antônio de Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio, Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria, Amaury Temporal, presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio de Janeiro, Flavio Teles de Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira, Arthur Donato, presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, entre outros.

Vários empresários fizeram breves intervenções, mas, oficialmente, em nome de suas entidades, falaram Albano Franco, Antônio de Oliveira Santos e Flavio Teles de Menezes.

Todos se comprometeram a colaborar, na medida do possível, para afastar o clima de pessimismo. O empresariado manifestou-se interessado em que o MIC, na gestão

Cardoso Alves, ganhe um peso que nunca teve, em comparação com os dois principais ministérios da área econômica, Fazenda e Planejamento.

A expectativa do empresariado é que o MIC passe a funcionar como estimulador da iniciativa privada, apoiando comércio e indústria, com o que se estará estimulando a atividade econômica como um todo.

Já nas despedidas, o presidente revelou outra preocupação, esta com o andamento do pacto social que a Fiesp e a Federação do Comércio do Estado de São Paulo estão tentando negociar com lideranças sindicais.

"Houve um parada no pacto?", quis saber o presidente de Mario Amato. O dirigente da indústria paulista disse que não. Explicou que apenas o setor político, conforme avaliação que lhe foi transmitida por Ulysses Guimarães, presidente do Congresso constituinte, não poderá se envolver no pacto antes de terminados os trabalhos constituintes.

"Nós não vamos parar não, presidente. Vamos continuar", assegurou Amato.

O apelo do presidente e o impacto que causou no empresariado coincidem com avaliações obtidas pela Folha em outras fontes, que indicam a sensação de isolamento que Sarney manifesta cada vez mais enfática e frequentemente.

Editoria de Arte